

**Abdullah Öcalan**

**Confederalismo Democrático**



# CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO

Esta obra foi impressa em papel off-set 75 gramas e composta em tipografia  
Fourier de corpo dez, em plataforma Linux (Ubuntu), com os softwares  
livres LaTeX e Texmaker.

*Tradução*

Coletivo Libertário de Apoio a Rojava

*Diagramação e Revisão*

Mauro José Cavalcanti

*Capa*

Angela Barbirato

Esta obra é publicada sob licença Creative Commons 3.0 (Atribuição-Uso  
não-Comercial-Compartilhamento) 

#### FICHA CATALOGRÁFICA

Öcalan, Abdullah, 1948-

Confederalismo democrático / Abdullah Öcalan; tradução  
Coletivo Libertário de Apoio a Rojava — Rio de Janeiro :  
Rizoma, 2016. 49 p.; 21 cm.

ISBN 978-85-5700-045-2

1. Curdistão 2. Organização política 3. Municipalismo  
libertário I. Título.

CDD 320

CDU 321

Rizoma Editorial  
Caixa Postal 46521  
20551-970, Rio de Janeiro, RJ  
rizomaeditorial.com  
rizomaeditorial@yahoo.com.br

Impresso no Brasil  
2016

ABDULLAH ÖCALAN

CONFEDERALISMO  
DEMOCRÁTICO

Tradução  
Coletivo Libertário de Apoio a Rojava





# SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Apresentação</b> .....   | <b>5</b>  |
| <b>Prólogo</b> .....  | <b>7</b>  |
| <b>I. PREFÁCIO</b> .....  | <b>15</b> |
| <b>II. O ESTADO-NAÇÃO</b> .....   | <b>17</b> |
| A. Bases .....  | 17        |
| 1. Estado-nação e Poder .....   | 17        |
| 2. O Estado e suas Raízes Religiosas .....                                  | 18        |
| 3. A Burocracia e o Estado-nação .....                                      | 20        |
| 4. Estado-nação e Homogeneidade .....                                       | 20        |
| 5. Estado-nação e Sociedade .....   | 21        |
| B. Princípios Ideológicos do Estado-Nação .....                             | 22        |
| 1. Nacionalismo .....   | 22        |
| 2. Ciência Positivista .....  | 23        |
| 3. Sexismo .....  | 23        |
| 4. Religiosidade .....  | 24        |
| C. Os Curdos e o Estado-Nação .....   | 25        |
| <b>III. CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO</b> .....                                | <b>27</b> |
| A. A Participação e a Diversidade da Paisagem Política ...                  | 27        |
| B. A Herança da Sociedade e o Acúmulo do Conhecimento<br>Histórico .....    | 28        |
| C. Ética e Consciência Política .....                                       | 28        |
| D. O Confederalismo Democrático e o Sistema Político De-<br>mocrático ..... | 30        |

|  |           |
|--|-----------|
| E. Confederalismo Democrático e Autodefesa .....   | 31        |
| F. Confederalismo Democrático Versus a Busca pela Hege-<br>monia .....                         | 32        |
| G. Estruturas Democráticas Confederadas em uma Escala<br>Global .....                          | 33        |
| H. Conclusão .....   | 33        |
| <b>IV. PRINCIPIOS DO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO ....</b>                                       | <b>35</b> |
| <b>V. PROBLEMAS DOS POVOS NO ORIENTE MÉDIO E POSSÍVEIS<br/>CAMINHOS PARA UMA SOLUÇÃO .....</b> | <b>37</b> |
| <b>Epílogo .....</b>   | <b>47</b> |

## Apresentação

Coletivo Libertário de Apoio à Rojava\*

Em junho de 2013, no Brasil e na praça Taksim na Turquia, aconteciam simultaneamente dois grandes levantes populares, enquanto na Síria estava acontecendo a Revolução de Rojava.

Na Síria em 2011, o regime do ditador Bashar al-Assad, ao se deparar com o levante popular contra o seu governo, iniciou uma grande repressão e assassinou centenas de manifestantes. Posteriormente, a região de Rojava, livre das garras desse Estado-nação, pôde iniciar sua revolução autônoma, anticapitalista, ecológica e feminista baseada no Confederalismo Democrático. No entanto, vem sofrendo grandes ataques do ISIS (*Islamic State of Iraq and Syria*, o “Estado Islâmico”) e do Estado turco, os quais vem sendo rechaçados pelo YPG (*Yekîneyên Parastina Gel*, Unidades de Proteção Popular) e pelo YPJ (*Yekîneyên Parastina Jin*, Unidades de Proteção das Mulheres).

Na Turquia, o levante popular na praça Taksim foi alvo de grande repressão do governo conservador de Recep Tayyip Erdoğan, que também acarretou na morte de manifestantes. O Estado turco intensificou seu conservadorismo e vem perseguindo e assassinando ativistas, anarquistas, comunistas, jornalistas, opositores e também o povo curdo. Este Estado-nação, com apoio de diversos Estados do Ocidente ditos “democráticos”, também vem tentando atacar a revolução autônoma de Rojava.

No Brasil, o governo dito de esquerda de Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT) também reprimiu com violência os

---

\*Coletivo autônomo que busca difundir e apoiar a revolução de Rojava no Rio de Janeiro, Brasil.



levantes populares, o que também levou a perseguições, prisões e mortes de manifestantes. Houve um forte rechaço por parte de todos os partidos eleitoreiros, tanto os de direita quanto os de esquerda, à resistência ativa do povo. Junto de outros fatores, esse rechaço levou ao avanço conservador nas instituições da dita democracia do Estado-nação brasileiro e a uma intensificação do Estado policial.

O que fica evidente com esses três exemplos, dentre vários outros existentes, é que a democracia pelas vias institucionais do Estado-nação é uma falácia, seja o governo uma ditadura ou uma democracia, seja o partido no poder de direita ou de esquerda. O capitalismo e o leviatã Estado-nação farão de tudo para manter seu domínio sobre os povos. O Confederalismo Democrático nos mostra que existe alternativa além da mentira do sistema representativo partidário, uma vez que esse último é apenas um modo do Estado-nação e da modernidade capitalista seguirem existindo sem contestação e resistência reais.

Esta tradução foi feita coletivamente a partir da versão em inglês, a qual foi feita diretamente da versão original em curdo, com consulta à versão em espanhol. Buscamos, assim, divulgar o Confederalismo Democrático como uma alternativa ao Estado e à própria política eleitoral, em prol de uma transformação feita através da intervenção e organização direta do povo.

## Prólogo

### O povo curdo e a autonomia

Ana Paula Massadar Morel\*

*“Entretanto, os curdos existem.”*

*(Abdullah Öcalan)*

*“Espesso, / porque é mais espessa / a vida que se luta / cada dia, / o dia que se adquire / cada dia / (como uma ave / que vai cada segundo / conquistando seu voo).”*

*(João Cabral de Melo Neto)*

A palavra Curdistão pode ser remetida à palavra suméria *kurti* que há milhares de anos significava algo parecido com “povo da montanha”. Desde então, a luta dos curdos pela sua existência atravessou um longo caminho até os dias atuais, quando vemos circulando pelo mundo imagens das mulheres curdas lutando nas montanhas com seus sorrisos e armas que se tornaram símbolos de resistência. Podemos dizer que a grande repercussão dessa luta hoje (assim como sua força e beleza) está ligada, dentre outros fatores, ao seu aspecto libertário. Diferente de uma ideia comum relacionada às lutas dos povos minoritários, o movimento de libertação curdo não busca construir um novo Estado. Atravessando a questão étnica, mas indo além dessa, o movimento apresenta uma proposta, que

---

\*Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ, onde realiza pesquisa sobre o movimento Zapatista.

está sendo experimentada nos territórios liberados<sup>1</sup>, de ruptura radical com a modernidade capitalista: a construção da autonomia a partir do *Confederalismo Democrático*.

As autonomias construídas cotidianamente pelo povo curdo como também pelo movimento Zapatista<sup>2</sup> são uma certa materialização contemporânea e em grande escala da afirmação de Pierre Clastres, e de tantos outros pensadores anarquistas, de que sociedade não é sinônimo de Estado e de que pode existir sociedade sem e contra o Estado. É interessante reparar como ambas são experiências de povos indígenas, se consideramos o sentido amplo do termo. No primeiro encontro público realizado entre curdos e o movimento Zapatista<sup>3</sup>, disse um porta-voz do movimento curdo: saudamos vocês, povos da selva, povos maias, nós, povos da montanha, somos também um povo índio sem nenhum Estado, vindo da Mesopotâmia, nossas lutas caminham lado a lado... Em tempos de tormenta provocada pela “hidra capitalista”, os outros mundos vividos por curdos e zapatistas nos mostram que a barbárie não é dos povos ditos não-civilizados, mas dos Estados e suas destruições em massa de povos e do próprio planeta.

Atualmente, o povo curdo<sup>4</sup> é um dos maiores povos sem Estado do mundo, com cerca de 30 milhões de pessoas concentradas, principalmente, na região do Curdistão, que abrange uma parcela

---

<sup>1</sup>Há uma grande faixa de territórios liberados diante dos conflitos com o ISIS e Estados-nações da região, a mais conhecida delas é Rojava, região também chamada de Curdistão Sírio onde a autogestão vem sido intensamente implementada.

<sup>2</sup>O Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN) e suas bases de apoio são formados predominantemente por indígenas falantes das línguas tzeltal, ch'ol, tzotzil e tojolabal que vivem na região de Chiapas, México. O movimento apareceu para o público a partir do levantamento armado de 1 de janeiro de 1994 e, desde então, é conhecido mundialmente por construir cada vez mais suas instituições e todo um modo de vida de maneira autônoma, o que passa pela criação de escolas, atenção à saúde, cooperativas e estrutura jurídico-administrativa.

<sup>3</sup>Esse encontro foi realizado em Maio de 2015, no Seminário do Pensamento Crítico frente a Hidra Capitalista, em Chiapas, México.

<sup>4</sup>A língua curda é de origem indo-europeia e divide-se em três dialetos principais: Kurmânji ou curdo setentrional, Sorâni ou curdo central e Pahlâwani ou curdo meridional. Os curdos são, em sua maioria, muçulmanos sunitas, mas há curdos judeus, cristãos e yazidis.

territorial dos Estados da Síria, Iraque, Turquia e Irã, com quem estão em conflito há décadas. Mais recentemente, os curdos também entraram em confronto com o Estado Islâmico (ISIS)<sup>5</sup>. São claras as tentativas de etnocídio e genocídio em relação ao povo curdo. Enquanto alguns árabes chamam os curdos de “árabes do Iêmen”, alguns turcos os denominam “turcos das montanhas”, expressando alguns dos mecanismos da tentativa de assimilação que sofre esse povo. Além disso, a região montanhosa onde vivem é uma das mais ricas em florestas e água de todo o Oriente Médio, o que tem chamado atenção de diversas potências estrangeiras.

Entretanto, os curdos existem e lutam... Atualmente, a perspectiva política que tem mais força na região está ligada ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) – é principalmente dessa perspectiva que tratamos quando mencionamos o movimento curdo. O PKK foi fundado em 1978 na Turquia, sob orientação do marxismo-leninismo, começando uma guerra de guerrilhas em 1984 que tinha como objetivo a libertação nacional, através da formação de um Estado Curdo independente. No final da década de 90, o movimento rompe com essa perspectiva e desenvolve a proposta do *Confederalismo Democrático*, sistematizada por Abdullah Öcalan<sup>6</sup> dentro da prisão: seria preciso reinventar a política para além das “alternativas infernais” (Stengers) entre a barbárie capitalista instaurada e os autoritarismos do socialismo estatal (e sua obsessão pela tomada do poder). Essa proposta tem como influência principal os escritos do pensador libertário estadunidense Murray Bookchin e do já mencionado movimento Zapatista.

O movimento curdo passa a apontar para o estabelecimento dos Estados-nações, central no paradigma da modernidade capitalista, como um dos grandes pilares da opressão que sofrem, evidenciando a conexão causal entre essa opressão e a dominação global do sistema capitalista. Os Estados-nações se desenvolveriam através

---

<sup>5</sup>NE: Acrônimo de *Islamic State of Iraq and Syria*, também conhecido como ISIL (*Islamic State of Iraq and the Levant*)

<sup>6</sup>Abdullah Öcalan é uma das principais referências do PKK e segue preso pelo Estado turco acusado de traição.

de todo tipo de monopólio (político, econômico, ideológico), tendo como base o sexismo e o nacionalismo. A escravidão da mulher seria a opressão mais profunda e disfarçada, enquanto o nacionalismo teria propiciado séculos de destruição em nome de uma sociedade unitária imaginária.

Diante disso, os curdos acreditam que a criação de um novo Estado só perpetuaria opressões, ainda mais considerando a diversidade de povos que habitam o mesmo território na região do Curdistão. O *Confederalismo* não pode ser pensado, então, como uma entidade monolítica homogênea, ele é aberto a outros grupos, é flexível, multicultural, antimonopolista e orientado para o consenso. Ele se estabelece por um amplo projeto visando a soberania econômica, social e política, visando a criação de formas organizativas necessárias para possibilitar à sociedade um autogoverno. As eleições perdem a importância em prol de um processo político dinâmico e contínuo baseado nas intervenções diretas do povo. A população deve estar envolvida em cada processo de debate e decisão.

Este modelo pode ser organizado por conselhos abertos, parlamentos locais e congressos gerais. Nesse sentido, não há uma forma única a ser estabelecida, a ideia inclusive, é valorizar as experiências históricas da sociedade e sua herança coletiva, baseadas em clãs e tribos em oposição às estruturas centralizadoras do Estado-nação. Os diferentes atores sociais formam unidades federativas, células germinais da democracia participativa, que podem se associar em novas confederações mais amplas. Ainda que o foco esteja no nível local, organizar o *Confederalismo* globalmente é importante para mudar radicalmente a sociedade.

Para garantir que esse processo de democratização possa se realizar, a autodefesa é fundamental. Diferente da militarização verticalizada típica dos Estados, as forças de segurança devem responder às decisões populares tomadas de baixo para cima e todos que participam da autodefesa frequentam cursos de resolução de conflitos não violenta e de teoria feminista. A ideia em médio prazo é que toda a população possa receber treinos de autodefesa, para que

não seja necessário polícia. Além disso, as unidades militares elegem seus oficiais. Assim funcionam a Unidade de Proteção do Povo (YPG) e sua fração feminina a Unidade de Proteção das Mulheres (YPJ).

Esta última está ligada a outro pilar do *Confederalismo*: o feminismo. Nele, é fundamental a ideia de que as mulheres organizadas podem gerenciar a si mesmas, e, mais do que isso, sem a libertação da mulher é impossível pensar uma sociedade igualitária. A ecologia é outro pilar central: a proteção do meio ambiente, incompatível com o capitalismo, deve ser levada em consideração seriamente durante o processo de mudança social.

Apesar da guerra e dos confrontos constantes que assolam a região, a proposta do *Confederalismo Democrático* do povo curdo (que como vimos vai muito além dele) tem possibilitado uma série de experimentações. Cooperativas de trabalhos, terras coletivizadas, coletivos de mulheres, assembleias comunitárias, justiça restauradora substituindo o sistema de tribunal, reconstrução de cidades, criação de mecanismos horizontais de autodefesa, dentre muitas outras a serem apoiadas e mais bem conhecidas em outras partes do mundo.

A tradução do *Confederalismo Democrático* para o português é uma pequena iniciativa que visa divulgar a luta do povo curdo para os falantes da língua, no caso, principalmente, no Brasil. Para mencionar um pouco de nossas terras, aqui, na contramão do avanço conservador, vimos, nas revoltas populares de 2013, explodir o descontentamento com a política partidária, as ocupações das praças e espaços das cidades, a prática da autodefesa popular diante da militarização reinante; alguns anos após, estudantes ocupam escolas, tomando para si um espaço tantas vezes marcado pela verticalização e seguem com a promessa de uma nova geração marcada pela imaginação política e pelo frescor dessa luta autogestionária; vivemos ao lado de centenas de povos indígenas que resistem com suas próprias vidas frente a homogeneização estatal, lutando pela retomada de terras; acompanhamos o crescimento do feminismo atravessando cada esfera da vida, tomando as redes, casas e ruas...

Quem sabe para fortalecer esses caminhos possamos aprender com os curdos, na criação a partir de hoje de um futuro de liberdade que não seja o da barbárie capitalista que já nos cerca. Como dito pela curda Havin Gunesser, a luta por liberdade é uma constante aposta na vida. Em curdo<sup>7</sup> a raiz da palavra vida vem da palavra mulher; terminamos, então, com um dos principais lemas do movimento curdo:

*“Jin, jîyan, azadî”*

*“Mulher, vida, liberdade”*

### **Bibliografia**

CLASTRES, PIERRE. *A Sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

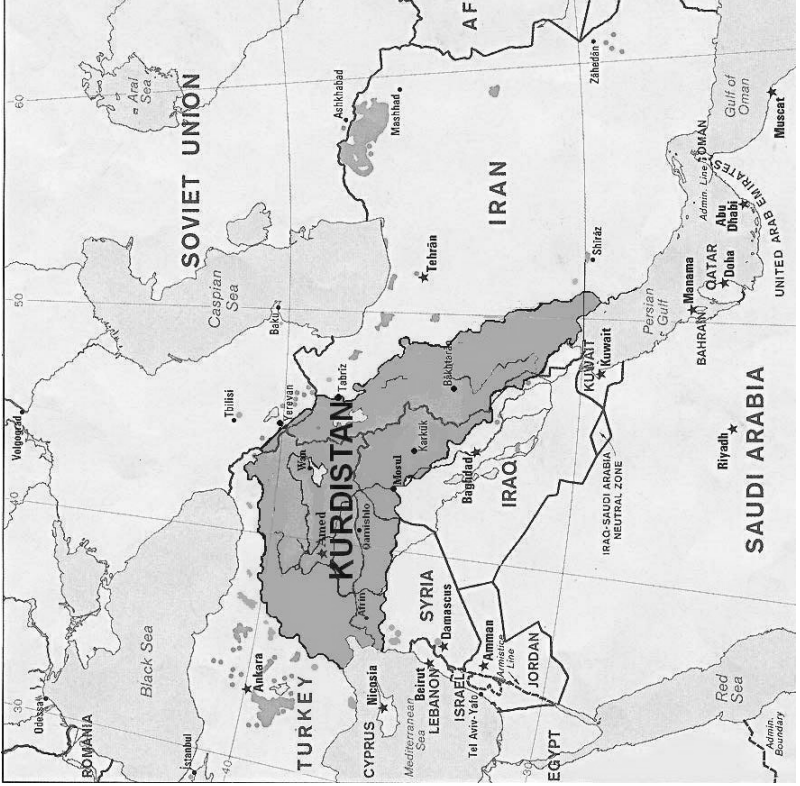
ÖCALAN, ABDULLAH. *Guerra e Paz no Curdistão*. London: International Initiative Edition, 2008.

ÖCALAN, ABDULLAH. *Liberando la vida: la revolución de las mujeres*. London: International Initiative Edition, 2013.

STENGERS, ISABELLE. *Em Tempos de Catástrofe*. São Paulo: Cosac & Naif, 2015.

---

<sup>7</sup>NE: Isto é, em Kurmânji, o dialeto falado pela maioria do povo curdo.







## I. PREFÁCIO

Por mais de trinta anos, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) tem lutado pelos direitos legítimos do povo curdo. Nossa luta, nosso combate pela libertação tornou a questão curda um assunto internacional que afetou todo o Oriente Médio e trouxe consigo uma possível solução para essa questão.

Nos anos 70, quando o PKK foi formado, o clima ideológico e político internacional se caracterizava pelo mundo bipolar da guerra fria e pelo conflito entre os campos socialista e capitalista. Na época, o PKK foi inspirado pelo surgimento de movimentos de descolonização por todo o mundo. Nesse contexto, tentamos encontrar nosso próprio caminho de acordo com a situação específica da nossa terra. O PKK nunca considerou a questão curda como um simples problema de origem étnica ou de nacionalidade. Pelo contrário, acreditamos no projeto de libertar nossa sociedade e democratizá-la. Esses objetivos determinaram cada vez mais nossas ações desde a década de 90.

Também reconhecíamos uma conexão causal entre a questão curda e a dominação global pelo sistema capitalista moderno. Sem questionar e desafiar essa conexão, uma solução não seria possível. Caso contrário, só nos envolveríamos em novas dependências.

Até aquele momento, tendo em vista os problemas de origem étnica e de nacionalidade, como os da questão curda, os quais estão profundamente enraizados na história e nas fundações da sociedade, parecia haver uma única solução viável: a criação de um Estado-nação, que era o paradigma da modernidade capitalista naquele tempo.

Nós não acreditamos, entretanto, que qualquer projeto pré-formulado seja capaz de melhorar significativamente a situação no Oriente Médio. Não foram justamente o nacionalismo e os Estados-nação que criaram tantos problemas no Oriente Médio?

Examinemos mais de perto, portanto, os antecedentes históricos desse paradigma e vejamos se podemos traçar uma solução que evite a armadilha do nacionalismo e se adéque melhor à situação do Oriente Médio.

## **II. O ESTADO-NAÇÃO**

### **A. Bases**

Com a sedentarização, as pessoas começaram a formular uma ideia da área em que viviam, sua extensão e seus limites, os quais eram determinados principalmente pela natureza e pelas características da paisagem. Os clãs e tribos que se estabeleceram em uma determinada área e nela viveram por muito tempo desenvolveram as noções de identidade comum e de terra natal. Os limites entre o que as tribos viam como as suas terras não eram ainda fronteiras nacionais. Comércio, cultura ou linguagem não eram restringidos por esses limites territoriais. As fronteiras territoriais permaneceram flexíveis por muito tempo. As estruturas feudais prevaleceram em quase toda parte e, algumas vezes, monarquias dinásticas ou grandes impérios multiétnicos surgiam com alterações constantes de fronteiras, idiomas e comunidades religiosas, como o Império Romano, o Império Austro-Húngaro, o Império Otomano e o Império Britânico. Eles sobreviveram a longos períodos de tempo e a muitas mudanças políticas porque sua base feudal lhes permitia distribuir flexivelmente o poder sobre uma vasta rede de centros de poder secundários.

### **1. Estado-nação e Poder**

Com o surgimento das trocas comerciais do Estado-nação, o comércio e as finanças impulsionaram a participação política e posteriormente agregaram seu poder às estruturas tradicionais do Estado. O desenvolvimento do Estado-nação no começo da Revolução Industrial, há mais de duzentos anos, caminha junto, por um lado, com a acumulação não regulada do capital e, por outro,

com a exploração sem obstáculos de uma população em rápido crescimento. A nova burguesia que surgiu dessa revolução queria tomar parte nas decisões políticas e nas estruturas do Estado. Seu novo sistema econômico, o capitalismo, se converteu assim em um componente inerente ao novo Estado-nação. O Estado-nação necessitava da burguesia e do poder do capital para substituir a velha ordem feudal e sua ideologia, a qual se baseava em estruturas tribais e direitos herdados, por uma nova ideologia nacionalista que uniria todas as tribos e clãs sob o teto da nação. Dessa maneira, o capitalismo e o Estado-nação tornaram-se tão intimamente ligados que não se pode imaginar a existência de um sem o outro. Como consequência disso, a exploração não foi só autorizada, mas, inclusive, estimulada e facilitada pelo Estado.

Mas, sobretudo, o Estado-nação deve ser pensado como a forma máxima de poder. Nenhum dos outros tipos de Estado tem tal capacidade de poder. Uma das principais razões disso é que a parte superior da classe média esteve conectada ao processo de monopolização de maneira crescente. O Estado-nação em si é o monopólio mais completo e elaborado. É a mais desenvolvida união de monopólios como o comércio, a indústria, as finanças e o poder. E é preciso pensar também o monopólio ideológico como parte indivisível do monopólio do poder.

## **2. O Estado e suas Raízes Religiosas**

As raízes religiosas do Estado já foram discutidas de forma aprofundada (A. Ocalan, *The Roots of Civilisation*, London, 2007). Muitos conceitos e noções políticas contemporâneas têm sua origem em conceitos ou estruturas religiosas ou teológicas. De fato, um olhar mais atento revela que a religião e o imaginário divino estão na base das primeiras identidades sociais da história. Estes formaram o pensamento ideológico de muitas tribos e outros agrupamentos pré-Estado, definindo sua existência enquanto comunidades.

Posteriormente, depois das estruturas do Estado terem se desenvolvido, os laços tradicionais entre Estado, poder e sociedade começaram a se enfraquecer. As ideias do divino e as práticas sagra-

das que haviam estado presentes na origem das comunidades foram perdendo seu significado em relação à identidade comum e foram, então, transferidas para as estruturas de poder, como as monarquias e ditaduras. O Estado e seu poder derivavam da vontade e lei divinas e seu soberano se transformava em rei pela graça de Deus. Eles representavam o poder divino na Terra<sup>8</sup>.

Hoje, a maioria dos Estados modernos chama a si mesma de secular, afirmando que os velhos laços entre religião e Estado foram cortados e que a religião já não é mais parte do Estado. Isso é, sem dúvida, só parte da verdade. Ainda que as instituições religiosas ou representantes do clero já não participem das decisões políticas e sociais, eles ainda tem, em certa medida, influência sobre estas decisões, assim como eles mesmos são influenciados por ideias e acontecimentos políticos e sociais. Portanto, o secularismo, ou laicismo como é chamado na Turquia, ainda contém elementos religiosos. A separação entre Estado e religião é o resultado de uma decisão política. Não se deu naturalmente. Essa é a razão pela qual, inclusive hoje, o poder e o Estado parecem algo dado, poderíamos dizer, inclusive, dado por Deus. Noções como *Estado secular* ou *poder secular* permanecem ambíguas.

O Estado-nação também é dotado de atributos que servem para substituir os velhos atributos fornecidos pela religião, como: nação, pátria, bandeira nacional, hino nacional e muitos outros. Particularmente, noções como a *unidade entre Estado e nação* servem para transcender as estruturas políticas materiais e são, como tais, remanescentes da *unidade do pré-Estado com Deus*. Essas noções foram colocadas no lugar do *divino*.

Quando, em outros tempos, uma tribo subjugava outra tribo, seus membros tinham de adorar os deuses dos vencedores. Poderíamos chamar esse processo de colonização e até de assimilação. O Estado-nação é um Estado centralizado com atributos quase divinos

---

<sup>8</sup>NE: Aqui o autor ecoa a tese do célebre anarquista russo Mikhail Bakunin (1814-1876) apresentada naquela que é considerada sua mais importante obra, *Deus e o Estado*, de 1871.

que desarmou completamente a sociedade e monopolizou o uso da força.

### 3. A Burocracia e o Estado-nação

Uma vez que o Estado-nação transcende sua base material, os cidadãos, ele assume uma existência para além das suas instituições políticas. Ele precisa de instituições adicionais a sua própria para proteger sua base ideológica, bem como suas estruturas jurídicas, econômicas e religiosas. A constante expansão da burocracia militar e civil custa caro e serve apenas para a preservação do próprio Estado, que por sua vez coloca a burocracia acima do povo.

Durante a modernidade europeia, o Estado teve todos os meios a sua disposição para expandir sua burocracia em todos os estratos da sociedade. Lá ele cresceu como um câncer, infectando todos os modos de vida da sociedade. Burocracia e Estado-nação não podem existir um sem o outro. Se o Estado-nação é a espinha dorsal da modernidade capitalista, ele é certamente a prisão da sociedade natural. Sua burocracia assegura o fácil funcionamento do Sistema, assegura a base da produção de bens e protege os lucros para os agentes econômicos hegemônicos, seja em um Estado-nação real-socialista<sup>9</sup> ou em um Estado-nação amigável-aos-negócios *business-friendly*). O Estado-nação domestica a sociedade em nome do capitalismo e aliena a comunidade de seus princípios naturais. Qualquer análise destinada a localizar e resolver problemas sociais precisa levar em conta estes pontos.

### 4. Estado-nação e Homogeneidade

O Estado-nação, na sua forma original, visa monopolizar todos os processos sociais. Diversidade e pluralidade precisaram ser combatidas, perspectiva esta que levou à assimilação e ao genocídio. Ele não só explora as ideias e o potencial de trabalho da sociedade e coloniza as mentes das pessoas em nome do capitalismo, mas

---

<sup>9</sup>NT: Termo usado para se referir a um Estado-nação que se reivindica socialista. Relacionado à ideia de socialismo real em oposição ao termo socialismo ideal, que é usado de forma depreciativa contra outras formas de socialismo não-estatais.

também assimila todos os tipos de culturas e suas ideias espirituais e intelectuais, a fim de preservar a sua própria existência. Tem como objetivo a criação de uma única cultura nacional, uma única identidade nacional e uma comunidade religiosa unificada. Com isso, reforça a cidadania homogeneizante. A noção de cidadão foi criada como resultado da busca de tal homogeneidade. A cidadania na modernidade nada mais é do que a transição da escravidão privada à escravidão pelo Estado. O capitalismo não pode alcançar lucro sem tais exércitos de escravos modernos. A sociedade nacional homogênea é a sociedade mais artificial que já foi criada e é resultado do "projeto de engenharia social". Esses objetivos são geralmente conseguidos pelo uso da força ou por incentivos financeiros e muitas vezes resultam na assimilação forçada ou na aniquilação física de minorias, culturas e línguas. A história dos últimos dois séculos está cheia de exemplos que ilustram as tentativas violentas de criação de uma nação que corresponda à realidade imaginária de um Estado-nação.

### **5. Estado-nação e Sociedade**

Costuma-se dizer que o Estado-nação está preocupado com o destino das pessoas comuns. Isso não é verdade. Pelo contrário, o Estado-nação é o que gere a nível nacional o sistema capitalista mundial. É um vassalo da modernidade capitalista e está mais profundamente entrelaçado nas estruturas dominantes do capital do que nós geralmente tendemos a assumir: ele é uma colônia do capital. Independentemente do quão nacionalista o Estado-nação possa se apresentar, ele serve da mesma maneira aos processos capitalistas de exploração. Não há outra explicação para as horríveis guerras de redistribuição<sup>10</sup> da modernidade capitalista. Logo, o Estado-nação não está ao lado das pessoas comuns - ele é um inimigo dos povos.

As relações com outros Estados-nação e com monopólios internacionais são coordenadas pelos diplomatas do próprio Estado-nação. Sem o reconhecimento de outros Estados-nação, nenhum

---

<sup>10</sup>NT: Guerras em que o Estado-nação atacante utiliza bombardeios aéreos ao invés de usar tropas em solo. Tática muito utilizada pelos países imperialistas.



deles poderia sobreviver. A razão disso pode ser encontrada na lógica do sistema capitalista mundial. Os Estados-nação que deixarem a falange<sup>11</sup> do sistema capitalista serão sobrepujados pelo mesmo destino que o regime de Saddam no Iraque experimentou, ou serão postos de joelhos por meio de embargos econômicos.

Vamos agora inferir algumas características do Estado-nação a partir do exemplo da República da Turquia.

## **B. Princípios Ideológicos do Estado-Nação**

No passado, a história dos Estados foi muitas vezes equiparada com a história de seus governantes, o que lhes concedeu qualidades quase divinas. Essa prática mudou com o surgimento do Estado-nação. Agora, o Estado como um todo foi idealizado e elevado a um nível divino.

### **1. Nacionalismo**

Assumindo que compararemos o Estado-nação a um deus vivo, então o nacionalismo seria correspondente à religião. Apesar de alguns elementos aparentemente positivistas, Estado-nação e nacionalismo mostram características metafísicas. Neste contexto, o lucro capitalista e a acumulação de capital aparecem como categorias envoltas em mistério. Há uma rede de relações contraditórias por trás desses termos que se baseia na força e na exploração. Sua ambição pela hegemonia do poder serve à maximização dos lucros. Neste sentido, o nacionalismo aparece como uma justificativa quase religiosa. A sua verdadeira missão, no entanto, é o serviço ao virtualmente divino Estado-nação e a sua visão ideológica, que permeia todas as áreas da sociedade. Arte, ciência e conscientização social: nenhuma delas é independente. Portanto, um verdadeiro esclarecimento intelectual precisa de uma análise fundamentada destes elementos da modernidade.

---

<sup>11</sup>NT: Agrupamento com fim comum.

## **2. Ciência Positivista**

O paradigma de uma ciência positivista ou descritiva constitui outro pilar ideológico do Estado-nação. Ela alimenta a ideologia nacionalista, mas também o laicismo, que tomou a forma de uma nova religião. Por outro lado, é um dos fundamentos ideológicos da modernidade e seus dogmas influenciaram as bases das ciências sociais. O positivismo pode ser circunscrito como uma abordagem filosófica que é estritamente limitada à aparência das coisas, o que equivaleria à própria realidade. Uma vez que, no positivismo, a aparência é a realidade, nada que não tem aparência pode ser parte da realidade. Sabemos da física quântica, astronomia e alguns campos da biologia, até mesmo da essência do pensamento em si, que a realidade ocorre em mundos que estão além de eventos observáveis. Em verdade, o relacionamento entre o observado e o observador tem mistificado a si mesmo, a ponto de já não caber qualquer escala física ou definição. O positivismo nega isso e, portanto, até certo ponto, se assemelha à adoração de ídolos dos tempos antigos, onde o ídolo constitui a imagem da realidade.

## **3. Sexismo**

Outro pilar ideológico do Estado-nação é o sexismo, que permeia toda a sociedade. Muitos sistemas civilizados têm empregado o sexismo a fim de preservar seu próprio poder. Eles impuseram a exploração das mulheres e as usaram como uma importante reserva de mão de obra barata. As mulheres também são consideradas como um recurso valioso, uma vez que elas geram a prole e possibilitam a reprodução do homem. Assim, a mulher é tanto um objeto sexual quanto uma mercadoria. Ela é uma ferramenta para a preservação do poder masculino e pode, no melhor dos casos, se tornar um acessório da sociedade masculina patriarcal.

Por um lado, o sexismo da sociedade de um Estado-nação reforça o poder dos homens; por outro lado, o Estado-nação transforma sua própria sociedade em uma colônia baseada na exploração de mulheres. Assim, as mulheres também podem ser consideradas como uma nação explorada.

No decorrer da história da civilização, o patriarcado consolidou o quadro tradicional das hierarquias, que no Estado-nação são alimentadas pelo sexismo. O sexismo socialmente enraizado é como o nacionalismo, um produto ideológico do Estado-nação e do poder. O sexismo socialmente enraizado não é menos perigoso que o capitalismo. O patriarcado, no entanto, tenta esconder estes fatos a qualquer custo. Isso é compreensível, tendo em vista o fato de que todas as relações de poder e ideologias estatais são alimentadas por conceitos e comportamentos sexistas. Sem a repressão das mulheres, a repressão de toda a sociedade não é concebível. O sexismo na sociedade do Estado-nação, por um lado, dá ao homem o máximo poder e, por outro lado, torna a sociedade, para a mulher, a pior colônia de todas. Assim, a mulher é a colônia nacional histórica da sociedade, que obteve a pior posição dentro do Estado-nação. Todas as ideologias de poder e de Estado decorrem de atitudes e comportamentos sexistas. A escravidão da mulher é a mais profunda e disfarçada questão social, onde todos os tipos de escravidão, opressão e colonização são realizados. O capitalismo e o Estado-nação agem com plena consciência disso. Sem a escravidão da mulher, nenhum dos outros tipos de escravidão podem existir e muito menos se desenvolver. O capitalismo e o Estado-nação representam a mais institucionalizada dominação masculina. Para falar de forma clara: o capitalismo e o Estado-nação são os monopólios de homens despóticos e exploradores.

#### **4. Religiosidade**

Mesmo que atue aparentemente como um Estado laico, o Estado-nação não se inibe em usar uma mistura de nacionalismo e religião para seus fins. A razão é simples: a religião ainda desempenha um papel importante em algumas sociedades ou parte delas. Em particular, o Islã é muito engenhoso a este respeito.

No entanto, a religião na modernidade deixa de desempenhar seu papel tradicional. Quer se trate de uma crença extrema ou moderada, a religião no Estado-nação deixou de ter uma missão na sociedade. Ela só pode fazer o que é permitido pelo Estado-nação.

Sua ainda existente influência e sua funcionalidade, que podem ser mal utilizadas para a promoção do nacionalismo, são aspectos interessantes para o Estado-nação. Em alguns casos, a religião toma o papel do nacionalismo. O Xiismo no Irã é uma das mais poderosas armas ideológicas do Estado iraniano. Na Turquia, a ideologia sunita desempenha um papel semelhante, mas mais limitado.

### **C. Os Curdos e o Estado-Nação**

Após a breve introdução anterior sobre o Estado-nação e suas bases ideológicas, veremos agora porque a fundação de um Estado-nação curdo independente não faz sentido para os curdos.

Ao longo das últimas décadas os curdos não só lutaram contra a repressão dos poderes dominantes e pelo reconhecimento de sua existência, mas também pela libertação de sua sociedade do domínio do feudalismo. Por isso, não faz sentido substituir as antigas correntes por novas ou mesmo intensificar a repressão. Isso é o que a fundação de um Estado-nação significaria no contexto da modernidade capitalista. Sem oposição contra a modernidade capitalista não haverá lugar para a libertação dos povos. É por isso que a fundação de um Estado-nação curdo, para mim, não é uma opção. O apelo por um Estado-nação independente vem dos interesses das classes dominantes e dos interesses da burguesia, mas não reflete os interesses do povo, já que a criação de um outro Estado só resultaria em mais injustiça e reduziria ainda mais o direito à liberdade.

A solução da questão curda necessita ser encontrada, portanto, em uma abordagem que enfraqueça a modernidade capitalista ou a rechace. Há razões históricas, particularidades sociais e desenvolvimentos reais, além do fato de que as áreas de assentamentos curdos se estendem sobre os territórios de quatro países diferentes, o que torna indispensável uma solução democrática. Além disso, há também o fato importante de que todo o Oriente Médio sofre de deficit de democracia. Graças à situação geoestratégica das áreas dos assentamentos curdos, projetos democráticos curdos de sucesso prometem fazer avançar a democratização no

Oriente Médio em geral. Chamemos este projeto democrático de *Confederalismo Democrático*.

### **III. CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO**

Este tipo de organização ou administração pode ser chamado de administração política não-estatal ou democracia sem Estado. Os processos democráticos de tomada de decisão não devem ser confundidos com os processos conhecidos da administração pública. Os Estados só administram, enquanto democracias governam. Os Estados são fundados no poder; as democracias são baseadas no consenso coletivo. Os cargos no Estado são determinados por decreto, ainda que possam, em parte, ser legitimados através de eleições. As democracias usam eleições diretas. O Estado usa a coerção como meio legítimo. As democracias se baseiam na participação voluntária.

O Confederalismo Democrático está aberto a outros grupos políticos. É flexível, multicultural, antimonopolista e orientado para o consenso. A ecologia e o feminismo são pilares centrais. No panorama desse tipo de autoadministração, uma economia alternativa se tornará necessária, o que aumentará os recursos da sociedade em vez de explorá-los e fará, assim, justiça às múltiplas necessidades da sociedade.

#### **A. A Participação e a Diversidade da Paisagem Política**

A composição contraditória da atual sociedade requer grupos políticos com formações tanto horizontais como verticais. Tanto grupos centrais quanto grupos periféricos (regionais e locais) precisam estar balanceados dessa forma. Somente esses grupos, cada um por si, são capazes de lidar com sua situação concreta e específica e desenvolver soluções apropriadas para grandes problemas sociais. É um direito natural expressar a própria identidade cultural,

étnica ou nacional com a ajuda de associações políticas. No entanto, esse direito precisa de uma sociedade ética e politizada. Seja o Estado-nação uma república ou uma democracia, o Confederalismo Democrático está aberto a compromissos com formas tradicionais de governo ou de Estado. Ele permite a coexistência igualitária com estes.

## **B. A Herança da Sociedade e o Acúmulo do Conhecimento Histórico**

Novamente, o Confederalismo Democrático se baseia na experiência histórica da sociedade e em sua herança coletiva. Não é um sistema político moderno arbitrário, mas, ao contrário, acumula história e experiência. Ele é fruto da vida em sociedade.

O Estado se orienta continuamente para o centralismo, a fim de perpetuar os interesses dos monopólios de poder. Justamente o oposto é verdadeiro para o Confederalismo. Não os monopólios, mas a sociedade está no centro do foco político. A estrutura heterogênea da sociedade está em contradição com todas as formas de centralismo. Um nítido centralismo só resulta em revoltas sociais.

Segundo o conhecimento popular, o povo formou grupos dispersos de clãs, tribos ou outras comunidades com qualidades federativas. Dessa maneira, eles foram capazes de preservar sua autonomia interna. Mesmo o governo central dos impérios se utilizava de diversos métodos de autoadministração para suas diferentes partes, que incluía autoridades religiosas, conselhos tribais, reinos e inclusive repúblicas. Disso é importante compreender que mesmo os impérios aparentemente centralistas seguem uma estrutura organizacional confederada. O modelo centralista não é um modelo administrativo desejado pela sociedade. Ao contrário, ele se baseia na preservação do poder dos monopólios.

## **C. Ética e Consciência Política**

A classificação da sociedade em categorias e termos a partir de um determinado padrão é produzida artificialmente pelos monopólios capitalistas. O que conta em uma sociedade assim não é o

que se é, mas o que se aparenta ser. A alienação da sociedade de sua própria existência fomenta a falta da participação ativa, uma reação que é muitas vezes denominada de desencanto com a política. No entanto, as sociedades são essencialmente políticas e orientadas para seus valores. Os monopólios econômicos, políticos, ideológicos e militares são construções que contradizem a natureza da sociedade, pois apenas agem para acumular excedentes. Eles não criam valores. Tampouco uma revolução por si só pode criar uma nova sociedade. Ela só pode influenciar a rede ético-política de uma sociedade. Todo resto concerne a essa sociedade política baseada na ética.

Já mencionei que a modernidade capitalista reforça a centralização do Estado. Os centros de poder militares e políticos dentro da sociedade foram privados de sua influência. O Estado-nação como substituto moderno da monarquia deixou como rastro uma sociedade debilitada e indefesa. Desse modo, a ordem jurídica e a paz pública só implicam no domínio de classe da burguesia. O poder se constitui no centro do Estado e se torna um dos paradigmas administrativos fundamentais da modernidade. Isso coloca o Estado-nação em contraste com a democracia e o republicanismo.

Nosso projeto de modernidade democrática entende-se como um projeto alternativo à modernidade como a conhecemos. Ele faz do Confederalismo Democrático um paradigma político fundamental. A modernidade democrática é o telhado de uma sociedade política baseada na ética. Enquanto cometermos o erro de acreditar que as sociedades devem ser entidades monolíticas homogêneas, será difícil entender o Confederalismo. A história da modernidade também é uma história de quatro séculos de genocídio físico e cultural em nome de uma imaginária sociedade unitária. O Confederalismo Democrático como categoria sociológica é a contrapartida dessa história e se baseia na vontade de lutar, se necessário, e na diversidade étnica, cultural e política.

A crise do sistema financeiro é uma consequência inerente ao Estado-nação capitalista. Entretanto, todos os esforços neoliberais



para transformar o Estado-nação não tiveram êxito. O Oriente Médio fornece exemplos instrutivos quanto a isso.

## **D. O Confederalismo Democrático e o Sistema Político Democrático**

Em contraste com um entendimento centralista e burocrático da administração e do exercício do poder, o Confederalismo possui um tipo de autoadministração política onde todos os grupos da sociedade e todas as identidades culturais podem se expressar em reuniões locais, convenções gerais e conselhos. Esse entendimento de democracia abre espaço político a todos os estratos da sociedade e permite a formação de grupos políticos diferentes e diversos. Dessa maneira, também potencializa a integração política da sociedade como um todo. A política se torna parte da vida cotidiana. Sem a política, a crise do Estado não pode ser resolvida em sua totalidade, já que a crise é alimentada pela falta de representação da sociedade politizada. Termos como federalismo ou autoadministração, como são encontrados nas democracias liberais, precisam ser novamente concebidos. Essencialmente, eles não deveriam ser concebidos como níveis hierárquicos da administração do Estado-nação, mas como ferramentas centrais da expressão e participação social. Isso, por sua vez, aumentará a politização da sociedade. Nós não necessitamos de grandes teorias, o que nós necessitamos é da vontade de dar expressão às necessidades sociais através do fortalecimento estrutural da autonomia dos atores sociais e da criação de condições para a organização da sociedade como um todo. A criação de um nível operacional onde todos os tipos de grupos políticos e sociais, comunidades religiosas ou tendências intelectuais podem expressar-se diretamente em todos os processos de tomada de decisões locais também pode ser chamado de democracia participativa. Quanto mais forte é a participação, mais poderoso é esse tipo de democracia. Enquanto o Estado-nação está em contraste com a democracia e inclusive a nega, o Confederalismo Democrático constitui um processo democrático contínuo.

Os atores sociais, que são em si mesmos unidades federativas, são células germinais da democracia participativa. Eles podem combinar-se e associar-se em novos grupos e confederações de acordo com a situação. Cada uma das unidades políticas implicadas na democracia participativa é essencialmente democrática. Dessa forma, o que chamamos de democracia é a aplicação de processos democráticos de tomada de decisões a partir do nível local até o global no âmbito de um processo político contínuo. Esse processo afetará a estrutura do tecido social dessa sociedade, estando em contraste ao esforço do Estado-nação pela homogeneidade, uma construção que só pode ser implementada pela força, resultando na perda de liberdade.

Já mencionei que o nível local é o nível onde as decisões são tomadas. No entanto, o pensamento que leva a essas decisões deve estar em sintonia com as questões globais. Precisamos tomar consciência de que inclusive as aldeias e os bairros urbanos requerem estruturas confederadas. Todas as áreas da sociedade necessitam estar abertas à autoadministração, todos os seus níveis necessitam ser livres para participar.

### **E. Confederalismo Democrático e Autodefesa**

Essencialmente, o Estado-nação é uma entidade militarmente estruturada. Os Estados-nação são, eventualmente, os produtos de todos os tipos de guerra interna e externa. Nenhum dos Estados-nação passou a existir por si só. Invariavelmente, eles tem um histórico de guerras. Este processo não se limita à sua fase de fundação, mas, em vez disso, o Estado-nação se constrói sobre a militarização de toda a sociedade. A liderança civil do Estado é apenas um acessório do aparato militar. Mesmo as democracias liberais fazem isso, porém, pintando suas estruturas militaristas em cores democráticas e liberais. No entanto, isso não os impede de buscar soluções autoritárias no ápice de uma crise causada pelo próprio Sistema. O exercício do poder fascista é a natureza do Estado-nação. O fascismo é a forma mais pura do Estado-nação.

Esta militarização só pode ser rechaçada com a ajuda da autodefesa. Sociedades sem qualquer mecanismo de autodefesa perdem suas identidades, suas capacidades de tomada de decisão democrática e suas naturezas políticas. Portanto, a autodefesa de uma sociedade não está limitada à dimensão militar. Pressupõe também a preservação de sua identidade, a sua própria consciência política e um processo de democratização. Só então poderemos falar de autodefesa.

Neste contexto, o Confederalismo Democrático pode ser considerado um sistema de autodefesa da sociedade. Só com a ajuda de redes confederadas pode haver uma base para se opor à dominação global dos monopólios e do militarismo dos Estados-nação. Contra a rede de monopólios, devemos construir uma igualmente forte rede de confederações sociais.

Isto significa, em particular, que o paradigma social do Confederalismo não envolve um monopólio militar das forças armadas, as quais só tem a tarefa de garantir a segurança interna e externa. Elas estão sob o controle direto das instituições democráticas. A própria sociedade deve ser capaz de determinar suas funções. Uma de suas tarefas será a defesa do livre-arbítrio da sociedade a partir de intervenções internas e externas. A composição da liderança militar precisa ser determinada em termos e partes iguais tanto pelas instituições políticas quanto pelos agrupamentos confederados.

## **F. Confederalismo Democrático Versus a Busca pela Hegemonia**

No Confederalismo Democrático, não há espaço para qualquer tipo de esforço hegemônico. Isto é particularmente verdadeiro no campo da ideologia. A hegemonia é um princípio que é geralmente seguido pelo tipo clássico de civilização. As civilizações democráticas rejeitam poderes e ideologias hegemônicas. Quaisquer formas de expressão que ultrapassem as fronteiras da autogestão democrática levariam a autoadministração e a liberdade de expressão *ad absurdum*. O manejo coletivo de questões da sociedade precisa de compreensão, respeito a opiniões divergentes e formas democrá-

ticas de tomada de decisão. Isso está em contraste com a ideia de liderança na modernidade capitalista, onde as decisões burocráticas de caráter arbitrário do Estado-nação são diametralmente opostas à liderança democrática-confederada em coerência com princípios éticos. No Confederalismo Democrático, instituições de liderança não precisam de legitimação ideológica. Assim, não é preciso buscar a hegemonia.

### **G. Estruturas Democráticas Confederadas em uma Escala Global**

Embora no Confederalismo Democrático o foco esteja no nível local, a organização global em confederalismo não está excluída. Ao contrário, é preciso construir-se uma plataforma de sociedades civis nacionais em termos de assembleias confederadas, opondo-se à Organização das Nações Unidas, que é uma associação de Estados-nação sob a liderança das superpotências. Desta forma, podemos obter melhores decisões com vista à paz, ecologia, justiça e produtividade no mundo.

### **H. Conclusão**

O Confederalismo Democrático pode ser descrito como uma espécie de autoadministração, em contraste com a administração pelo Estado-nação. No entanto, em certas circunstâncias, a convivência pacífica é possível, desde que os Estados-nação não interfiram com as questões internas da autoadministração. Todas essas intervenções chamariam para a autodefesa da sociedade civil.

O Confederalismo Democrático não está em guerra com qualquer Estado-nação, mas não vai ficar de braços cruzados com os esforços de assimilação. Uma tomada revolucionária ou a fundação de um novo Estado não criam uma mudança sustentável. No longo prazo, liberdade e justiça só podem ser realizadas dentro de um processo dinâmico, democrático-confederado.

Nem a rejeição total nem o reconhecimento total do Estado são úteis para os esforços democráticos da sociedade civil. A supera-

ção do Estado, particularmente o Estado-nação, é um processo de longo prazo.

O Estado vai ser superado quando o Confederalismo Democrático provar as suas capacidades de resolução de problemas e questões sociais. Isso não significa, porém, que os ataques dos Estados-nação devem ser aceitos. Confederações democráticas manterão forças de autodefesa em todos os momentos. Confederações democráticas não serão limitadas a organizarem-se dentro de um único território particular. Elas se tornarão confederações transfronteiriças quando as sociedades em questão assim desejarem.

## **IV. PRINCIPIOS DO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO**

1. O direito de autodeterminação dos povos inclui o direito a um Estado próprio. No entanto, a fundação de um Estado não aumenta a liberdade de um povo. O sistema das Nações Unidas, que é baseado em Estados-nação, tem permanecido ineficiente. Além disso, os Estados-nação tornaram-se sérios obstáculos para qualquer desenvolvimento social. O Confederalismo Democrático é o paradigma contrastante das pessoas oprimidas.
2. O Confederalismo Democrático é um paradigma social sem Estado. Ele não é controlado por um Estado. Ao mesmo tempo, o Confederalismo Democrático é o modelo cultural e organizacional de uma nação democrática.
3. O Confederalismo Democrático se baseia na participação popular. Seus processos de tomada de decisão se dão nas comunidades. Os níveis mais altos de decisão só servem à coordenação e implementação da vontade das comunidades, que enviam seus delegados às assembleias gerais. Pelo limitado espaço de tempo, estas são instituições tanto porta-vozes quanto executivas. No entanto, o poder de decisão cabe às instituições de base locais.
4. No Oriente Médio, a democracia não pode ser imposta pelo sistema capitalista e seus poderes imperialistas, que só prejudicam a democracia. A propagação da democracia de base é fundamental. É a única abordagem que pode lidar com

diversos grupos étnicos, religiões e diferenças de classe. Ela também caminha junto com a estrutura social tradicional de confederação.

5. O Confederalismo Democrático no Curdistão é também um movimento antinacionalista. Destina-se à realização do direito de autodefesa dos povos pelo avanço da democracia em todas as partes do Curdistão, sem questionar as fronteiras políticas existentes. Seu objetivo não é a fundação de uma nação curda. O movimento pretende estabelecer estruturas federativas no Irã, Turquia, Síria e Iraque, abertas para todos os curdos e, ao mesmo tempo, formar uma confederação comum para todas as quatro partes do Curdistão.

## **V. PROBLEMAS DOS POVOS NO ORIENTE MÉDIO E POSSÍVEIS CAMINHOS PARA UMA SOLUÇÃO**

A questão nacional não é uma sombra da modernidade capitalista. Ainda assim, foi a modernidade capitalista que impôs a questão nacional na sociedade. A nação substituiu a comunidade religiosa. No entanto, a transição para uma sociedade nacional precisa da superação da modernidade capitalista, se a nação não quiser manter o disfarce dos monopólios repressivos.

O excesso de ênfase na categoria de nação no Oriente Médio é tão negativo quanto serão graves as consequências de se negligenciar o aspecto coletivo nacional. Por isso, o método de tratamento da questão não deve ser ideológico, mas científico e não deve ser estatal, mas com base no conceito de nação democrática e comunalismo democrático. Os conteúdos de tal abordagem são os elementos fundamentais da modernidade democrática.

Nos últimos dois séculos, o nacionalismo e a tendência para Estados-nação têm sido alimentados nas sociedades do Oriente Médio. As questões nacionais não foram resolvidas, ao contrário, vem sendo agravadas em todas as áreas da sociedade. Em vez de cultivar a competição produtiva, o capital impõe guerras internas e externas em nome do Estado-nação.

A teoria do comunalismo seria uma alternativa ao capitalismo. No ideal das nações democráticas que não buscam monopólios de poder, o comunalismo poderia levar a paz para uma região que vem sendo apenas campo de guerras sangrentas e genocídios.



Neste contexto, podemos falar das quatro nações majoritárias: árabes, persas, turcos e curdos. Não gostaria de dividir as nações em maioria ou minoria, pois não acho que isso seja apropriado. Mas, devido a considerações demográficas, falarei de nações majoritárias. No mesmo contexto, também poderemos utilizar o termo nações minoritárias.

1. Há mais de vinte Estados-nações árabes que dividem a comunidade árabe e danificam suas sociedades por guerras. Este é um dos principais fatores responsáveis pela alienação de valores culturais e da aparente desesperança da questão nacional árabe. Estes Estados-nação nem sequer foram capazes de formar uma comunidade econômica transnacional. Eles são a principal razão da problemática situação da nação árabe. Um nacionalismo tribal com motivações religiosas, junto com uma sociedade sexista patriarcal, atravessam todas as áreas da sociedade, resultando em um claro conservadorismo e obediência servil. Ninguém acredita que os árabes serão capazes de encontrar uma solução para os seus problemas internos e transnacionais através do nacionalismo árabe. No entanto, a democratização e uma abordagem comunalista podem fornecer esta solução. Sua fraqueza em relação à Israel, que os Estados-nação árabes consideram como um concorrente, não é apenas o resultado do apoio internacional das potências hegemônicas. Pelo contrário, é o resultado de fortes instituições democráticas e comunais dentro de Israel. Durante o último século, a sociedade da nação árabe foi enfraquecida pelo nacionalismo radical e pelo islamismo. No entanto, se eles são capazes de unir o socialismo comunal, que não é algo estranho para eles, com o entendimento de uma nação democrática, então talvez eles possam ser capazes de encontrar para si uma segura solução a longo prazo.
2. Os turcos e turcomanos formam outra nação influente. Eles compartilham entendimento semelhante de poder e ideologia com os árabes. São estatistas rigorosos com um profundo na-

cionalismo racial e religioso entranhado neles. De um ponto de vista sociológico, os turcos e turcomanos são bastante diferentes. As relações entre turcomanos e a aristocracia turca lembram as tensas relações entre beduínos e a aristocracia árabe. Eles formam uma categoria cujos interesses são compatíveis com a democracia e o comunalismo. Os problemas nacionais são bastante complexos. A busca do Estado-nação por poder, o nítido nacionalismo e uma sociedade sexista patriarcal prevalecem e criam uma sociedade muito conservadora. A família é considerada a menor célula do Estado. Tanto os indivíduos como as instituições se apropriaram destes aspectos. Comunidades turcas e turcomanas lutam pelo poder. Outros grupos étnicos são submetidos a uma nítida política de subjugação. As estruturas centralistas de poder do Estado-nação turco e a rígida ideologia oficial tem impedido uma solução para a questão curda até hoje. A sociedade é levada a acreditar que não há alternativas ao Estado. Não há equilíbrio entre o indivíduo e o Estado. A obediência é considerada a maior virtude. Em contraste com isso, a teoria da democracia moderna oferece uma abordagem adequada a todas as comunidades na Turquia para resolver seus problemas nacionais. O projeto de uma confederação democrática turca baseada na comunidade poderia tanto reforçar a sua unidade interna quanto criar as condições para uma coexistência pacífica com os vizinhos com os quais convive. As fronteiras têm perdido o seu antigo significado quando se trata de unidade social. Apesar dos limites geográficos, hoje instrumentos modernos de comunicação permitem uma união virtual entre os indivíduos e as comunidades, onde quer que estejam. A confederação democrática das comunidades turcas poderia ser uma contribuição para a paz mundial e para o sistema da democracia moderna.

3. A sociedade nacional curda é muito complexa. Os curdos são a maior nação do mundo sem um Estado próprio. Eles tem se estabelecido em suas atuais áreas de assentamento desde o

Neolítico. Agricultura, criação de gado e a capacidade de se defender utilizando as vantagens geográficas de sua montanhosa terra natal ajudaram os curdos a sobreviver como um povo nativo. A questão nacional curda surge do fato de que tem sido negado a eles o direito à nacionalidade. Outros tentaram assimilá-los, aniquilá-los, e, por último, negar-lhes a existência. Não ter um Estado próprio tem vantagens e desvantagens. Os efeitos negativos das civilizações baseadas no Estado alcançam uma extensão limitada. Isso pode ser uma vantagem para colocar em prática conceitos sociais alternativos para além da modernidade capitalista. Sua área de assentamento é dividida por fronteiras nacionais dos quatro países e reside em uma região geo-estrategicamente importante, proporcionando assim aos curdos uma vantagem estratégica. Os curdos não tem chance de formar uma sociedade nacional através do uso do poder de Estado. Embora exista uma entidade política curda hoje no Curdistão Iraquiano, ela não é um Estado-nação, mas sim uma entidade paraestatal. O Curdistão também havia sido o lar de minorias armênias e aramaicas, antes destas terem sido vítimas de genocídios. Há também pequenos grupos de árabes e turcos. Ainda hoje existem muitas religiões e diferentes crenças que vivem lado a lado. Existem também resquícios de uma cultura tribal e de clãs, enquanto não há quase nenhuma presença de cultura urbana. Todas estas propriedades beneficiam novas formações políticas democráticas. Cooperativas comunais na agricultura e nos setores de água e energia mostram-se formas ideais de produção. A situação também é favorável para o desenvolvimento de uma sociedade com uma política ética. Até mesmo a ideologia patriarcal é menos enraizada do que nas sociedades vizinhas. Isso favorece o estabelecimento de uma sociedade democrática onde a liberdade e a igualdade das mulheres formam um dos principais pilares. Também oferece as condições para a criação de uma nação propícia à democracia, de acordo com o paradigma da democracia moderna. A construção de uma nação democrática com

base em identidades multinacionais é a solução ideal quando comparada com o beco sem saída que é o Estado-nação. Esta entidade emergente poderia tornar-se uma referência para todo o Oriente Médio e ampliar-se para os países vizinhos. Convencer as nações vizinhas desse modelo pode mudar o destino do Oriente Médio e pode reforçar a chance de uma alternativa através da democracia moderna. Neste sentido, portanto, a liberdade dos curdos e a democratização da sua sociedade seria sinônimo de liberdade para toda a região e suas sociedades.

4. As razões para os problemas de hoje da nação persa ou da nação iraniana podem ser encontradas nas intervenções de civilizações históricas e da modernidade capitalista. Apesar de sua identidade original ter sido o resultado das tradições zoroastriana e mitraica, estas tem sido anuladas por um derivado do Islã. O maniqueísmo que emergiu como a síntese do judaísmo, cristianismo e islamismo com a filosofia grega não foi capaz de prevalecer contra a ideologia da civilização oficial. De fato, não foi capaz de estimular a tradição da rebeldia. A tradição islâmica foi, por tanto, convertida no ramo Shi'ah<sup>12</sup> e esta foi adotada como a sua mais recente ideologia civilizacional. Atualmente, existem esforços para modernizar-se, passando os elementos do capitalismo moderno pelo prisma do Shi'ah. A sociedade iraniana é multiétnica, multirreligiosa e possuidora de uma rica cultura. Todas as identidades nacionais e religiosas do Oriente Médio podem ser encontradas lá. Esta diversidade está em forte contraste com a afirmação hegemônica da teocracia, que cultiva um nacionalismo religioso sutil, e a classe dominante não abre mão da propaganda antimodernista sempre que esta serve aos seus interesses. Tendências revolucionárias e democráticas foram integradas pela civilização tradicional. Um regime despótico habilmente governa o país. Os efeitos negativos das sanções americanas e europeias

---

<sup>12</sup>NT: É o segundo maior ramo do Islamismo, chamado de Xiita.

não são insignificantes. Apesar dos fortes esforços centralistas no Irã, nas bases já existe algum tipo de federalismo. Quando interagirem os elementos da civilização democrática e os elementos federalistas, incluindo azeris, curdos, balúchis, árabes e turcomanos, o projeto de uma “Confederação Democrática do Irã” pode surgir e tornar-se atraente. O movimento de mulheres e as tradições comunais terão um papel especial.

5. A questão nacional armênia carrega uma das maiores tragédias que o progresso do capitalismo moderno trouxe ao Oriente Médio. Os armênios são um povo muito antigo. Eles compartilharam muitas das suas áreas de assentamento com os curdos. Enquanto os curdos vivem principalmente da agricultura e pecuária, os armênios se envolvem em artes e trabalhos manuais. Assim como os curdos, os armênios cultivaram uma tradição de autodefesa. Além de alguns curtos episódios, os armênios nunca fundaram com sucesso um Estado. Eles se baseiam na cultura cristã, que lhes dá sua identidade e fé na salvação. Por causa de sua religião, muitas vezes sofreram repressão nas mãos da maioria muçulmana. Por isso, o nacionalismo emergente deu frutos entre a burguesia armênia. Logo surgiram diferenças com os nacionalistas turcos, resultando no genocídio de armênios pelos turcos. Além dos judeus, os armênios são o segundo maior povo que vive primordialmente na Diáspora<sup>13</sup>. A fundação de um Estado armênio no oeste do Azerbaijão, no entanto, não resolveu a questão nacional armênia. As consequências do genocídio dificilmente podem ser colocadas em palavras. A busca pelo país perdido define sua psique nacional e está no centro da questão armênia. O problema é agravado pelo fato de que estas áreas foram ocupadas por outras pessoas desde então. Quaisquer conceitos baseados em um Estado-nação não podem oferecer uma solução. Não há uma estrutura populacional homogênea lá e nem quaisquer fronteiras claras, como é exigido pela moderni-

---

<sup>13</sup>NT: Dispersão de um povo em consequência de perseguição política, religiosa ou étnica.

dade capitalista. O pensamento de seus adversários pode ser fascista; no entanto, apenas isso não é suficiente para trazer o genocídio à tona. Estruturas confederadas poderiam ser uma alternativa para os armênios. A fundação de uma nação democrática armênia, alinhada com o paradigma da modernidade democrática, promete aos armênios uma oportunidade para se reinventar. Permite a eles regressar ao seu lugar na pluralidade cultural do Oriente Médio. Caso eles se reinventem como nação democrática armênia, não só continuam a desempenhar o seu papel histórico dentro da cultura do Oriente Médio, mas também encontram o caminho certo para a libertação.

6. Nos tempos modernos, os sírios cristãos (assírios) também sofreram o destino dos armênios. Eles também são um dos povos mais antigos do Oriente Médio. Eles compartilhavam uma área de assentamento com os curdos e também com outros povos. Como os armênios, sofreram repressão por parte da maioria muçulmana, abrindo caminho para o nacionalismo de estilo europeu entre a burguesia aramaica. Eventualmente, os sírios também foram vítimas de genocídio nas mãos dos turcos, sob a liderança do fascista Comitê de Unidade e Progresso (*Committee of Unity and Progress*). Os curdos colaboracionistas contribuíram neste genocídio. A questão da sociedade nacional aramaica tem suas raízes na própria civilização, mas também tem se desenvolvido com o cristianismo e com ideologias da modernidade. Para uma solução, é necessária uma total transformação dos arameus. Sua real salvação pode ser o rompimento com a mentalidade da civilização clássica e da modernidade capitalista e, em vez disso, abraçar a civilização democrática e renovar sua rica memória cultural como um elemento da modernidade democrática, a fim de reconstruir-se como uma “Nação Democrática Aramaica”.
7. A história do povo judeu também expressa a problemática história geral da cultura do Oriente Médio. O exame cuidadoso

do contexto da expulsão, do *pogrom*<sup>14</sup> e do genocídio será importante para contrabalancear o débito das civilizações. A comunidade judaica assumiu as influências das antigas culturas sumérias e egípcias, bem como de culturas tribais regionais. Ela tem contribuído muito para a cultura do Oriente Médio. Como os arameus, os judeus caíram vítimas dos acontecimentos extremos da modernidade. Neste contexto, os intelectuais de ascendência judaica desenvolveram um ponto de vista complexo em relação a estas questões. No entanto, isto é, de longe, insuficiente. Para solucionar os problemas atuais, é necessária uma reapropriação da história do Oriente Médio sob uma base democrática. O Estado-nação de Israel está em guerra desde a sua fundação. O slogan é: olho por olho. No entanto, o fogo não pode ser combatido pelo fogo. Mesmo que Israel goze de segurança graças ao seu apoio internacional, isso não é uma solução sustentável. Nada será permanentemente seguro enquanto a modernidade capitalista não for superado.

O conflito palestino deixa claro que o paradigma do Estado-nação não é útil para uma solução. Houve muito derramamento de sangue; o que resta é o difícil legado de problemas aparentemente insolúveis. O exemplo Israel-Palestina mostra o fracasso completo da modernidade capitalista e do Estado-nação.

Os judeus pertencem à cultura originária do Oriente Médio. A negação do seu direito de existência é um ataque ao Oriente Médio como tal. Sua transformação em uma nação democrática, assim como para os armênios e arameus, tornaria mais fácil sua participação em uma confederação democrática do Oriente Médio. O projeto de uma “Confederação Democrática Leste-Egeu”<sup>15</sup> seria um começo positivo. Identidades nacionais e religiosas rígidas e estritas podem evoluir para

---

<sup>14</sup>NT: Palavra russa que significa a morte e perseguição de pessoas e, simultaneamente, a destruição do ambiente em que estas vivem.

<sup>15</sup>NT: Referente ao Mar Egeu, na fronteira entre a Europa e a península anatoliana.

identidades flexíveis e abertas no âmbito deste projeto. Israel também pode evoluir para uma nação democrática mais aceitável e aberta, embora, sem dúvida, os seus vizinhos também devam passar por essa transformação.

As tensões e os conflitos armados no Oriente Médio fazem uma transformação do paradigma da modernidade parecer inevitável. Sem ela, uma solução dos difíceis problemas sociais e questões nacionais é impossível. A modernidade democrática oferece uma alternativa para o sistema que é incapaz de resolver os problemas.

8. A aniquilação da cultura helênica na Anatólia<sup>16</sup> é uma perda que não pode ser compensada. A limpeza étnica organizada pelos Estados-nação turco e grego no primeiro quarto do século passado deixou a sua marca. Nenhum Estado tem o direito de retirar as pessoas de sua ancestral região cultural. No entanto, os Estados-nação mostraram repetidamente sua abordagem desumana para com essas questões. Os ataques contra as culturas helênicas, aramaicas, armênias e judaicas foram intensificadas enquanto o Islã se propagava por todo o Oriente Médio. Este, por sua vez, contribuiu para o declínio da civilização do Oriente Médio. A cultura islâmica nunca foi capaz de preencher o vazio criado. No século XIX, quando a modernidade capitalista avançou para o Oriente Médio, encontrou um deserto cultural criado pela autoinfligida erosão cultural. A diversidade cultural também fortalece o mecanismo de defesa de uma sociedade. As monoculturas são menos robustas. Por isso, a conquista do Oriente Médio não foi difícil. O projeto de uma nação homogênea como propagada pelos Estados-nação promoveram seu declínio cultural.
9. Os grupos étnicos caucasianos têm também problemas sociais que não são insignificantes. Repetidamente, eles migraram para o Oriente Médio e estimularam as culturas deste. Sem

---

<sup>16</sup>NT: Península anatoliana ou Ásia Menor, corresponde hoje à Turquia.



dúvida, eles contribuíram para a riqueza cultural da região. A chegada da modernidade quase fez esta minoria cultural desaparecer. Eles também encontrariam o seu lugar adequado em uma estrutura confederada.

Finalmente, deixe-me afirmar uma vez mais que os problemas fundamentais do Oriente Médio estão profundamente enraizados na sociedade de classes. Eles intensificaram a crise global da modernidade capitalista. Esta modernidade e sua pretensão de domínio não pode oferecer nenhuma solução e nem mesmo uma perspectiva de longo prazo para a região do Médio Oriente. O futuro é o Confederalismo Democrático.

# Epílogo

## Considerações finais

Eduardo Viveiros de Castro\*

A convicção que se exprime nestas páginas é que todo projeto de tomada revolucionária (ou outra) do Estado termina invariavelmente — ali onde tem “sucesso” — sendo uma tomada, uma captura de tal projeto *pelo* Estado, esse aparelho propriamente mágico, cujo fascínio vai se dissolvendo perante a evidência cada vez mais incontornável da contradição *absoluta* entre a forma-Estado e a forma-*povo*, aquilo que Öcalan chama “sociedade”, e que é por essência uma multiplicidade não totalizável de perspectivas heterogêneas— isto é, de condições de classe, gênero, língua, idade, costumes, histórias distintas. Ao mesmo tempo em que a célula germinal do confederalismo democrático de Öcalan é uma minoria étnica culturalmente determinada, o povo curdo, a entidade multiconfederada aqui articulada recusa o etnicismo identitário, homogeneizante, genocida e etnocida, que marcou tantos nacionalismos de Estado, e que exprimem a captura da forma-povo pela forma-Estado, a obsessão pelo Um, o Centro, o pólo Transcendente que transforma a multiplicidade-povo em população administrada, em súdito genérico de um Soberano: o Estado constitui a Nação. Contra isso, um conceito de nação que destitui o Estado. “A estrutura heterogênea da sociedade está em contradição com todas as formas de centralismo”. O Confederalismo Democrático é baseado “na diversidade étnica, cultural e política”. E na autodefesa contra toda ameaça a essa diversidade. Sublinho o “política” que adjetiva tal diversidade. O que

---

\*Professor de Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ.

Öcalan parece incluir em sua visada é a inclusão de diferentes modos de organização coletiva (e de orientações cosmológicas, digamos assim) sob o modo de uma rede multiforme desprovida de atratores hegemônicos. Seu objetivo é a luta (a conjuração-antecipação) do Estado *interno*, não a constituição de mais um Estado-nação em disputa hegemônica contra outros Estados. O coletivo que imagina é “transfonteiriço”. Abole ou ignora as fronteiras nacionais existentes sem constituir uma nova fronteira. A forma visada é a criação de zonas de autonomia permanente, redes de coletivos heterogêneos capazes de se autogerirem e de consolidarem laços de afinidade com valor de exemplo para toda a região imediata em que se insere a entidade curda (os Estados árabes e iraniano, com suas múltiplas minorias “internas”), mas exemplo com alcance planetário: “[É] preciso construir-se uma plataforma de sociedades civis nacionais em termos de assembleias confederadas, opondo-se à Organização das Nações Unidas, que é uma associação de Estados-nação sob a liderança das superpotências.” Uma Assembleia dos Povos Autônomos do Mundo, contra a Organização dos *Estados-nação* Unidos. E “povo” aqui tem o sentido de todo coletivo minoritário: etnias indígenas e “tribais”, mulheres, afrodescendentes da Diáspora, LGBT’s, todos aqueles que são *todo mundo*, ao contrário do grande *ninguém* da Maioria que o Estado é suposto encarnar. E esse “todo mundo” inclui, e aqui o passo é crucial, os habitantes extrahumanos dos coletivos confederados: o Confederalismo Democrático, seguindo aqui os passos de Bookchin, não considera a ecologia como um substrato inerte sobre o qual se ergue o palácio antropocêntrico da “economia”, mas como dimensão constitutiva da condição terrana dos humanos, sua relação vital com o lugar, o solo, a terra — e a Terra. O Confederalismo se afasta assim duplamente do patriarcado ecocida da forma-Estado: “A ecologia e o feminismo são pilares centrais.” Uma outra noção de humanidade subjaz ao projeto: sem sexismo, sem racismo, sem especismo. E sem o sujeito-suposto-saber.

Exemplo e não modelo, como o Movimento Zapatista de Chiapas, a Confederação Democrática pensada por Öcalan propõe linhas de invenção, não diretivas universalizantes impostas de cima

para baixo. Modelos são como Ideias platônicas, que se pode (que se deve) apenas copiar, sempre, é inevitável, imperfeitamente — os povos são sempre atrasados, ignorantes, recalcitrantes — , como os “modelos de desenvolvimento” impostos a ferro e a fogo pelos Bancos Mundiais, os FMI, os Estados Unidos e a Comunidade Europeia, e, por último mas não por menos autoritários, os Governos de nosso trágico país. Exemplos instigam à experimentação e à criação. Modelos, à obediência e à servidão. Exemplos se *seguem*, como se segue uma pista que nos leva aos nossos próprios lugares; modelos se *aplicam* — sempre aos outros, ao menores, aos menos, aos que se obriga serem aplicados na aplicação dos modelos que lhes empurram goela abaixo.

Que este livrinho vindo do outro lado do mundo possa ajudar a mexer um pouco com a cabeça dos ativistas e militantes do lado de cá. Não só os da velha esquerda, desde sempre cúmplice teológica do capitalismo, mas também de alguns de nossos companheiros que, apesar de suas convicções libertárias, reservam-nas para a esfera da política entendida como assunto exclusivamente humano. O anarquismo político não pode continuar a validar, implícita ou explicitamente, a monarquia onto-antropológica que levou nossa chamada “civilização” ao impasse planetário em que se encontram todos os povos, humanos e outros, desta nossa casa comum.